



Est. 8

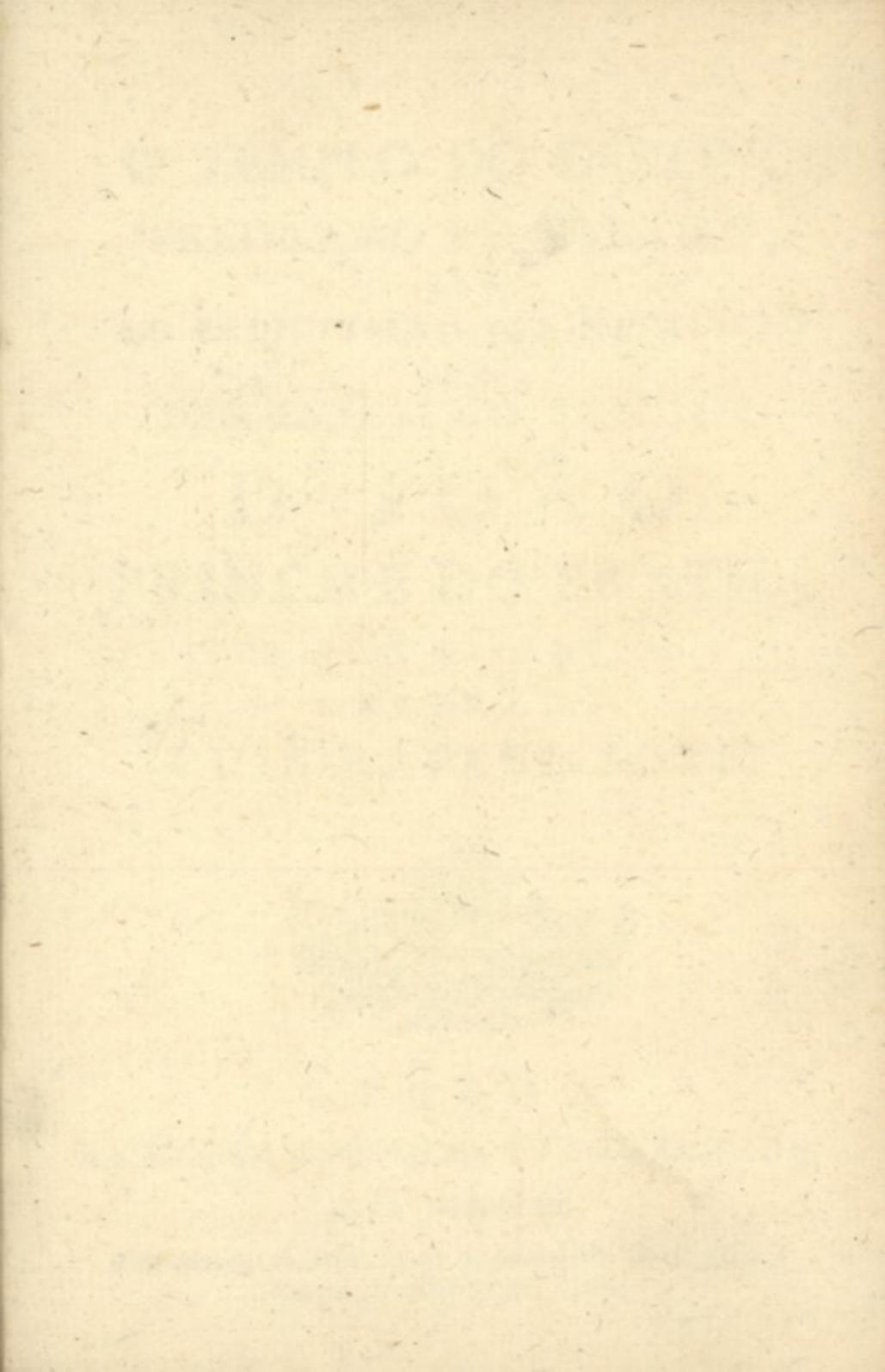
Prat. 2

Liv. 47











O TEMPLO DO DESTINO  
PREDICÇÃO DE MYRTOLO,

AO RELENTISSIMO DO NATALICIO

ISSIMISSIMO SENHOR

D. JOÃO

PRINCEPE DO BRAZIL

DE HA HA HA HA HA HA

DE HA HA HA HA HA HA

DE HA HA HA HA HA HA



LISBOA

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAPHICA

1811

Com a licença do Excmo. Sr. Governador do Brasil

Impressão de João da Silva



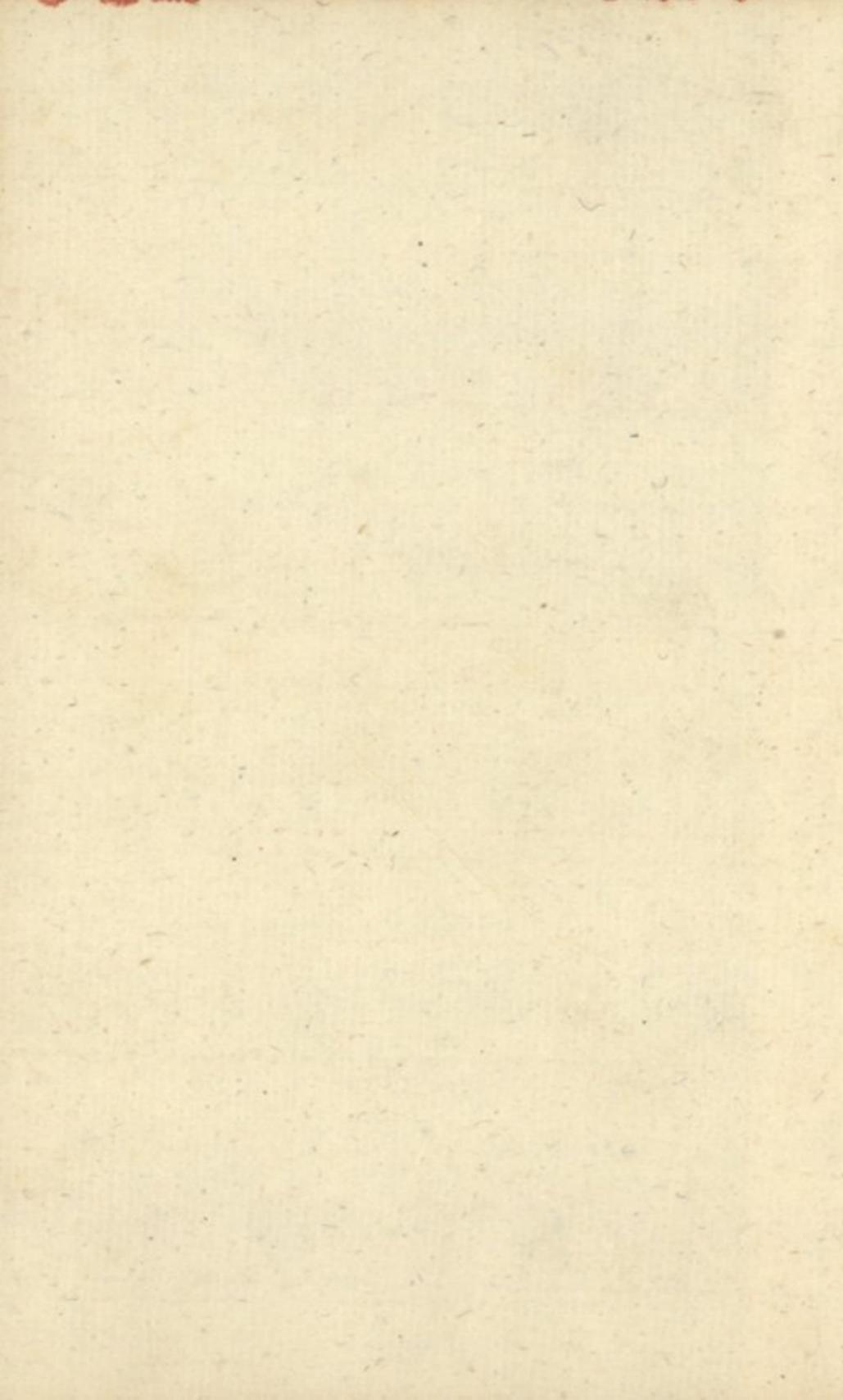
O TEMPLO DO DESTINO,  
PREDICÇÃO DE MYRTELO,  
QVA  
AO FELICISSIMO DIA NATALICIO  
DO  
SERENISSIMO SENHOR  
D. JOÃO,  
PRINCIPE DO BRAZIL,  
EM 13 DE MAJO DE 1792  
OFFERECE  
LUIZ RAFAEL SOYE



L I S B O A  
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA,

ANNO M. DCC. XCI.

*Com Licença da Real Mesa da Commissão Geral sobre o  
Exame, e Confirmação dos Livros.*



O TEMPLO DO DESTINO.  
PREDICÇÃO DE MYRTELO,  
QUE  
AO FELICISSIMO DIA NATALICIO  
DO  
SERENISSIMO SENHOR  
D. JOÃO,  
PRINCIPE DO BRAZIL,  
EM 13 DE MAIO DE 1791  
OFFERECE  
LUIZ RAFAEL SOYE.



L I S B O A  
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA,

ANNO M. DCC. XCI.

*Com licença da Real Meza da Commisão Geral sobre o  
Exame, e Censura dos Livros.*

COMPRA  
206137

H. G.  
32276

O TEMPLO DO DESTINO  
PREDICÇÃO DE M...  
AO FELICISSIMO DIA NATALICIO  
DO  
SERENISSIMO SENHOR  
D. JOÃO  
PRINCIPLE DO BRAZIL  
EM 11 DE MAIO DE 1701  
OFFERECIDA  
LUIZ RAFAEL SOYE



L I B R O A  
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAPHICA

ANO M. DCC. LXXI

Com a Imprensa da Real Academia de Ciências do Brasil, sob a  
Direcção de Manoel de Moraes Almeida, e Custódia de Manoel de Moraes Almeida.



## O TEMPLO DO DESTINO.

Segui Senhor, segui o brando Phebo,  
Que sempre vos levou por bom caminho,  
Inspirando de novo em vosso peito  
Segredos altos, que convem ás Musas.

*Bernardes.*

**P**RINCIPE Illustre, Principe nascido  
Para gloria immortal do Luso Im-  
perio!  
Do fertil, deleitozo, alegre Maio  
No decimo terceiro, augusto dia,  
Que os Divinos comvosco ennobrecêrão,  
Os ouvidos fechando por hum pouco  
Ao negro estrondo rouco,  
Com que accendidos,  
Os ocos bronzes  
Em vosso nome  
Montes erguidos  
Hão de abalar:

Apartando a attenção alguns momentos  
Do bando voador, estrepitozo  
Dos repetidos vivas, das sinceras,  
Gratas exclamações, com que os Elyzios  
Como sempre leaes festejão ledos  
Este dia, em que o Ceo lhes foi propicio:

( 4 )

Ouvi como afinada  
A Lyra de Myrtilo ,  
Com doce, brando estilo  
Com voz não mui usada  
Socega o bravo mar.

Das suas ternas Filhas sempre amigo,  
Jove ás Musas largou o privilegio  
De rápidas voarem ao mais alto,  
Doirado cume da celeste Olympo,  
E dos feios dos Deoses arrancarem  
Fundos segredos,  
Que guarda o Ceo.

As Castas Deosas do Parnaso umbrozo,  
As fatídicas Musas sempre forão  
Os interpretes são, que aos homens dictão  
O acertado querer das Divindades:  
Hoje aquella que nobre, e carinhoza,  
Versos me inspira,  
Com que attrahido  
Por minha Lyra,  
Todo estendido  
O Téjo ameno  
Na solta areia  
Meigo, e sereno  
Gostozo ondeia  
Por me escutar:

Reconhecida já ao grato apego,  
Com que sabe affagais os doces cantos,  
Que ella por vós me dicta; reparando,  
Que dais entrada na vossa alma Illustre

Aos

Aos meus sonoros versos n'um esteril,  
 E para as Musas seculo funesto;  
 N'um tempo desgraçado, em que dispersas,  
 Perseguidas co' as Lyras abraçadas  
 De praia em campo, de planicie em monte,  
 Vagão sem tino de temor cercadas.

Queridas Musas,  
 Vinde ás campinas,  
 Onde as Divinas,  
 Claras Virtudes  
 Co' as gentes rudes  
 Vem respirar.

Talvez prevendo já do seu Myrtilo,  
 Que a voz escutareis, restituindo  
 A's ternas, ás Meónides Camenas  
 O distincto lugar, que entre as mais Artes  
 Nas cultas Capitaes sempre occuparão:  
 Talvez sabendo, que viveis bem certo  
 De que as Musas fieis são necessarias  
 Para adoçar ao som das aureas cordas  
 Os bárbaros costumes, filhos torpes  
 Das traidoras paixões, que o Povo iludem:  
 Talvez, por descobrir em vós contente  
 Hum novo Protector de Sciencias, e Artes,  
 Voou ligeira  
 Neste bom dia  
 Ouvir dos Deoses  
 Os bens, que os Fados  
 Por vós querião

Aos Povoados  
Benignos dar.

Agora attento ouvi os brandos versos,  
Com que ella acompanhando a minha Lyra,  
Vai expôr-vos o quadro portentozo,  
Que entre as sombras espessas do futuro  
Os Deoses lhe mostrárão.

Jove, a quem he sómente confiada  
A chave do vindouro; a quem a essencia  
Concedeo absoluta a liberdade,  
A força necessaria para sempre  
Livremente correr os grossos ferros,  
Que as portas afferrolhão chapeadas  
Do immenso reino escuro, onde Saturno  
Os seculos futuros encadeia;

Jupiter indulgente  
Hoje, quando a manhã inda dormia,  
A minha Musa do futuro as portas  
Desferrolhou benigno.

Logo hum soberbo templo magestozo  
Os Deoses lhe presentão:  
D'ũa brilhante luz em torno o cercão  
Esclarecidos raios;

Em redondo cem portas facilitão  
Sempre abertas a entrada aos varios Póvos,  
Que de todo o lugar alli concorrem.  
De branco jaspe n'um burnido escudo,  
Que á porta principal serve de croa  
Esculpido se lia em letras d'ouro...

Do indómito Destino  
 O Oráculo aqui mora,  
 O mesmo Jove adora  
 Seu sólido querer.

Por esta porta entrou no templo a Musa,  
 E pasma ao ver n'um levantado throno  
 Cuberto com docel orlado d'ouro  
 Hum Principe sentado,  
 Cuja face serena  
 Era hum vivo retrato  
 Do semblante benigno,  
 Que a todos ver deixais.

Tinha hum livro nas mãos, nelle applicado  
 Estava lendo absorto, quatro Deusas  
 De engraçados semblantes, revestidas  
 De pannos brancos mais que a branca  
 Lua,  
 Os lados lhe guardavão carinhosas.  
 Junto a seus pés sentados conversavão  
 De mãos entrelaçadas,  
 Hum robusto Mancebo, no seu rosto  
 Alma brioza, e nobre desdobrava  
 As estendidas azas:  
 E hũa illustre Mulher nas mãos, e faces  
 Do Sol queimada hum tanto;  
 De graudas espigas se croava  
 Sua tostada frente:

Desde o mesmo degráo, entre ambos posta  
 Hũa galante Ninfa, que deixava  
 Suspeitar d'ambos ser amada filha

Do throno a roda espalha c' o as mãos am-  
bas,

Frutas, e espigas, que dos Pais recebe.

O resto dos degráos, que o throno formão,

Ocupavão contentes outras muitas,

Que pelo trage, e modo parecião

Formozas Ninfas, d'algum prado, ou bosque,

Quando libertas

De cruas dores

Pelas desertas

Veigas com flores

Se vão croar.

Do throno o supedaneo condecorão

Quatro velhos croados de espadanas,

Com barbas verdes, que humidas gotejão

Quaes verdes limos, que inda prenhes d'agua

Ao descer da maré molhão as praias.

De vesga, vista impura,

Furias crueis, e feias;

D'horrivel catadura

Monstros brutaes, malvados,

Com rígidias cadeias

De pés, e mãos atados

Raivozos escumando,

O frio chão mordião,

Indómitos bramião

Os ares atroando

Com hórrido fragor.

Abforta estava na visão estranha

A branda Musa, que por mim vos falla,

Quan-

Quando eis sente tropel, os olhos volta;  
E vê entrar no magestoza Templo

Com ar grave, e feroço  
Outra Matrona esbelta:

Imitava de Pallas a presença,  
O esquerdo braço lhe cubria em torno  
Do filho de Peleo o escudo forte;  
E a magestoza frente destemida  
De Diómedes fero o capacete;  
Ornãõ-lhe a dextra cinco scetros d'ouro;  
Vem apòs ella mais quatro engraçadas  
Ninfas, que alegres sobre as mãos sustinão  
Pintados cestos, em que vinhão frescas  
Diversas frutas, desiguaes nas cores.

Vénia fazendo ao throno,  
Os passos dirigio a alta Matrona  
Para hum serio Varão, Nestor no aspecto;  
Era do sacro Templo o Sacerdote,  
Com elle murmurou alguns instantes...

Eis se levanta o velho,  
E d'alva toga ornado  
Os passos encaminha vagarozo  
Para hum dourado altar, onde accendido  
O sacro fogo ardia, ante elle pára...

Depois do chão beijado...  
Olhos, e mãos aos Ceos erguendo mudo;  
Ao altar se chegou... e proferindo  
Vozes mysteriozas,  
O lume bafejou... logo prostrado  
Unido ao chão orava... quando eis entra

Todo o Templo a tremer... o Sacerdote  
 Vendo neste final já concedida  
 Do Oráculo fiel para a consulta  
     A preciza licença,  
     Devoto vai andando  
 Para huma porta de lavrada prata,  
     Que á Pyra era fronteira;  
 Ao som de exclamações a foi abrindo  
     Humilde, e respeitozo,  
 Por ella entrou... deteve-se algum tempo...  
 Depois alegre sahe; e os olhos pondo  
 Da escudada Matrona no semblante,  
 Taes cousas proferio com voz constante...

No seio eterno do potente Jove  
 Es Elysia feliz, es venturoza...  
 Os outros Deoses a seu mando unidos  
     Ditoza te confirmão.  
 Em premio do respeito, com que humilde  
 Do meu Deos immortal tens vindo ao Téplo  
 Consultallo fiel sobre os designios,  
     Que a teu respeito fórma:  
 Enclinou-se-te em fim, vendo as desgraças,  
 Que por alto querer do Fado invicto  
 Soffreste sempre em lagrimas banhada,  
     Envolta em negros lutos.  
 Neste importante dia, em que benigna  
 A linda Aurora poz no teu regaço  
 O sezudo João, Principe digno  
 Do Lusitano Imperio:

- Esse fecundo Mez , a quem Athenas  
 Offrecia docéis , em cujas aras  
 Com cheirozos festões prezas as pontas  
 Bois degollava o Nylo.
- O deleitozo Maio coroado  
 Com grinalda de frutas saborozas ,  
 Entre os dons , com que prodigo costuma  
 Enriquecer a terra :
- Quanto mais generozo foi contigo ,  
 Dando-te o maior dom, que os Ceos benignos  
 Podem á terra dar , quando premeião  
 Magnánimas virtudes.
- E não se contentou , pondo em teus braços  
 Hum Principe fiel , augmenta as Graças ,  
 Croando a Augusta Mãi no mesmo dia  
 Dos Lusos Imperante.
- O absoluto Destino dos Eternos  
 Approvando os favores , indulgente  
 Neste dia tambem quiz proteger-te  
 Como já mais costuma.
- E a graça começou , dando-te ouvidos ;  
 Quando de quantos vês no chão prostrados  
 Ante seu sacro altar , de nenhum inda  
 Deo ao gemer resposta.
- Hoje es ditoza Elysia . . . conseguiste  
 Dobrar a teu favor a Divindade ,  
 De cuja inalteravel inteireza  
 Jove seu scetro fia.
- O Despotico Deos , que sobranceiro  
 A observancia de leis , crava sem susto
- Em

Em César o punhal, que livremente

Ergue, e abate Imperios :

A çujos pés lançada a altiva Juno

De Eneas conseguir não pode a morte :

Nem de Venus gentil a formozura

A duração de Adonis.

O invencível Destino hoje propicio,

Prescindindo de si, deste seu Templo

Movendo os alicerces, se declara

A teu favor entregue.

Meu respeitavel Deos, a ti se doma,

A ti neste sagrado seu azylo

Concede hoje favor, que recusára

D' Hector á espoza linda.

Debaixo dessa Cúpula brilhante,

Neste santo lugar, onde tremendo

Desde que brilha o Sol, concorrem sem-

pre

Os mais distantes Póvos :

No templo do Destino entronizado

Elysia encontras o teu Rei futuro...

O vello antes de tempo ao alto erguido

De que o merece he prova.

Convencida bem sei ha muito vives

De que as tuas venturas, ou desgraças

Pendião só de Reis, por isso afflita

O Oráculo consultas.

Para em fim desfazer os teus receios,

E mostrar-te que he digno o Rei que es-

peras,

O Destino fiel to representa  
 Nas mãos c'um livro aberto.

O livro guarda em si dos sãos Harondas,  
 Dos Licurgos, Solões, dos Zoroastres  
 As escolhidas leis, ferio as decora  
 De feu valor bem certo.

Entrega-te ao prazer, suffoca o medo;  
 A figura, em que o vês, to mostra sabio,  
 Já convencido de que o bem dos Póvos  
 Pende das leis concizas.

Com tão sabia lição já vai nutrindo  
 A certeza, em que a Historia o tem firmado,  
 De que as leis desprezadas põem por terra  
 Aras, e Puleirinhos.

A Matrona, que ao lado seu direito  
 Mais chegada se mostra, he a Justiça;  
 Dá bem a conhecer no rosto grave  
 Seu coração constante.

Repara como está toda embebida  
 Do teu Principe em ir acostumando  
 A alma á rectidão; e elle já mostra  
 De seus conselhos fruto.

Ao pé della a Razão tambem zelozza  
 O convence do cargo respeitavel,  
 A que o Destino o guia, do aureo Scetro  
 Mostra-lhe o pezo grave.

A modo que lhe está sabia gritando...  
 Dos descuidos dos Reis provêm aos Póvos  
 As desgraças fataes: os Reis constantes  
 Devem sulter as redeas.

Do outro lado a Sciencia experta o guia  
 Pelos confuzos trilhos, que encaminhão  
 Os humanos ao bem, com braço forte  
 Lhe desmascára o crime.

A seu lado respira magestoza  
 Outra nobre Matrona, cujas faces  
 Mostrão-na ás outras superior na idade;  
 Muda reflecte em tudo.

Eu satisfação já teus bons desejos...

O seu ar pensativo te figura  
 A sabia Experiencia, cuja vida  
 Respeita o mesmo Tempo.

Esta he a antiga, respeitavel Mestra,  
 A quem os Deoses santos confiárão  
 A educação dos homens, noite, e dia  
 Zeloza os encaminha.

Ella deve dos Reis ser conselheira,  
 Com ella devem conversar sizudos,  
 Com a sua linterna a fim de verem  
 Os laços, que os rodcião.

Ella he que os persuade cuidadoza  
 Dos males, que se seguem, quando alheios  
 Escolhem para a pública Regencia  
 Os Lunas, e Olivares.

A que vês de João ao pés sentada,  
 He o fruto, que dá sempre o cuidado,  
 Com que os bons Reis zelozos, incansaveis  
 Por acertar suspirão.

He a grata Abundancia, vê contente  
 Como pródiga lança co' as mãos ambas

Desd' a altura , em que está do throno á  
roda

Frutas , e espigas loiras.

Ella com os seus dons , sem abrir boca ,  
De enganos vis izenta , he quem aos Póvos  
Mostra evidentemente , quando o throno

Occupá hum Rei perfeito.

A Mulher , e o Mancebo , que estás vendo  
Liberaes offrecer-lhe novos frutos ,

Que sobre os Póvos lance , são , Elysia ,  
Seus Pais industriosos.

O Mancebo gentil he o Commercio ,  
Elle he só quem veloz de clima em clima ,  
Atravessando inhóspitas areias ,

Encapellados mares.

D'um Polo ao outro Polo , d'Este ao Oeste ,  
Trocando as producções com mãos beni-  
gnas ,

Os commodos augmenta para a vida ,

Os Póvos enriquece.

A que pouza a seu lado socegada ,  
Podes bem conhecer pela grinalda  
De fecundas espigas , que lhe cercão

As denegridas tranças.

He a próvida , e rica Agricultura ,

Ella decide a sorte dos estados ,

Ella ao Commercio unida estreitamente ,

He d' Abundancia origem.

Agora as que se seguem , bem se inculeão ;

São as Virtudes cándidas , que alegres

O throno de teu Principe resguardão  
 Dos insolentes Vicios.

As outras, que da próvida Abundancia  
 Colhem os doces dons, são as precisas  
 Artes industriozas, cujas vidas  
 Só d' Abundancia pendem.

Na pressa, com que ajuntão no regaço  
 As barbudas espigas nos declararão,  
 Que sem a fecundante Agricultura,  
 Sciencias espirão, e Artes.

Entre ellas, olha como voão ledas  
 Nutridas Esperanças, branda Elysia,  
 Que he isso... no teu rosto já contente  
 Doce prazer adeja?

O Ganges, o Uruguay, o Zairo, o Téjo,  
 Rios das quatro partes conhecidas,  
 Representados vês nos quatro velhos,  
 Que os pés do throno molhão.

Nelles vês, que o Destino generozo  
 Ao vello digno o chama á illustre posse,  
 Que dos Robustos seus antepassados  
 Lhe grangeára o zelo.

Como estão consolados co' a lembrança,  
 De que o nobre João conhece sabio  
 O quanto deve ser grato ao Commercio,  
 Que os Póvos ennobrece.

Elles já crêm foster sobre os seus hombros  
 As alterozas quilhas invenciveis,  
 Com que o seu Rei futuro celebradas  
 Fará suas correntes.

Consola-te de todo , Inclyta Elyfia ;  
 Essas Furias , que vês crueis , enormes ;  
 Nos venenozos feios concebendo  
     Novas , fataes desgraças ;  
 Mostrão raivozas , c'ò ranger dos dentes ,  
 E os torvos olhos com furor torcendo ,  
 A mágoa , que lhes causa o ver , que a Sorte  
     Teu Principe lhes rouba .

Esses Monstros , que vês embravecidos ,  
 Com roucos urros abalar o Templo ,  
 E com fumante , denegrida escuma  
     Feros manchar , que mordem ;  
 São as Paixões fataes , e os torpes Vícios ,  
 Que sempre , que dos Reis infelizmente  
 Chegão posse a tomar , fazem dos Póvos  
     A desventura certa .

A Inveja atraçoada , a adúladora  
 Lisonja , que a Protheo nas fórmas vence ,  
 A falsa Hypocrisia mascarada ,  
     A túrgida Soberba :

A pezada Preguiça , e entre todas  
 Aos Reis a mais fatal , céga Ignorancia ;  
 Destes , e outros iguaes monstros se fórma  
     Esse infernal conclave .

Nos teus olhos se vê brilhar , Elyfia ,  
 O prazer , que em tua alma se dilata  
 Co' a esperança , em que ficas de gozares  
     Rei , que as Paixões algeme .

Que mais em teu favor , dize-me agora ,  
 Póde o meu Deos fazer , dá-te benigno

Hum Rei , que com teus olhos vês en-  
tregue

A's cándidas Virtudes.

Hum Principe Illustrado , que promette

Seu valimento dar sómente áquelles ,

Que por sabios , e justos se mostrarem

D'um tal favor mais dignos :

Hum Principe sublime , que applicado

Dos mais perfectos Reis em ler as vidas ,

Fazendo venturozos os seus Póvos ,

Ha-de exceder os Titos :

Hum Principe fiel , cujo conselho

Hão de sempre compôr a Sciencia Illustrada ,

A brilhante Razão , a Experiencia ,

A sólida Justiça :

Hum Principe , que certo das desgraças ,

Que os enganos dos Reis lanção no Estado ,

Por não ser enganado ha-de zelozo

Ver com seus olhos tudo :

Hum Rei , que liberal ha-de com premios

Logo refuscitar o esmorecido

Merecimento , e justo com supplicios

Punir os fataes crimes :

Hum Principe excellente revestido

Das santas qualidades necessarias

Para obter dignamente o doce nome

De Pai dos seus vassallos :

Não póde o Ceo mais dar... verás teus

campos

De montanhozas medas carregados ,

Tuas

Tuas bandeiras soltas sobre os mares  
Tremolarão erguidas.

Tua Milicia impávida animada  
Do seu futuro Marte com o exemplo,  
Será o erguido muro inexpugnável,  
Que guarde o teu socego.

Verás desde o teu Throno as Nações todas  
A teus já francos portos enviarem  
Suas inchadas vélas, mendigando  
Teus faborozos frutos.

Teus Póvos pelas Artes, e Sciencias  
Instruidos em fim, e humanizados  
Em lugar de punhaes sanguinolentos  
Empunharão teus loiros.

Por hũa sã Policia vigilante  
Civilizados bem, farão seu trato  
Tão humano, e polido, que estimados  
Serão dos outros Póvos.

Aos estranhos darão novos exemplos  
D' industria, honra fiel, de humanidade,  
De obediencia, e amor a seus Sobranos  
D' apego ás leis da Patria.

A tua Capital pompoza, e rica,  
Facilitando os cómmodos, que offrece  
Nosso fagueiro clima, ver-se-ha cheia  
Das mais remotas gentes.

Que enchente de venturas te promette  
Hoje, meu sabio Deos... vês finalmente  
Que as venturas dos Póvos os Divinos  
Dos Reis nas mãos puzerão.

Chega sem fusto agora , ao throno fobe ;  
 E convencida em fim de que os merece ,  
 D' Asia , Africa , d' America , da Europa  
 Põe-lhe nas mãos os Scetros.

E para te mostrar reconhecida  
 A' graça sem igual , que hoje recebes ,  
 Ligeira te retira , e nos teus campos  
 Junta os teus fortes Póvos :

Dize a todos com voz alta , e constante . . .  
 Que os Deozes providentes , respeitaveis ,  
 Em attenção aos bens , que a tua vista  
 Benignos lhes promettem ;

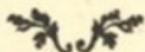
Esperão , que vivendo ás leis rendidos ,  
 E promptos sempre á voz d' alta Virtude ,  
 Se vão deixando ver de dia em dia  
 De mais favores dignos.

Porém , que se infieis , falsos , ingratos ,  
 Como já muitas vezes se mostrarão ,  
 Cegos desmerecerem , vingativos  
 Os largaráo aos Neros.

Estes versos , que tendes tão benigno  
 Querido ler , Senhor , são as cheirozas ,  
 As matizadas flores , com que humilde  
 A minha Gratidão formou rendida ,  
 Não tendo mais que dar , hum ramelhete ,  
 Que ao som da minha verdadeira Lyra ,  
 A mais terna das Filhas do Tonante

( 21 )

Para proveito,  
Para alegria  
Dos Lusitanos,  
Vem com respeito  
No fausto Dia  
Dos vossos Annos  
Grata offercer.



Cresce, e cumpre, João, o promettido,  
Que te dos Ceos está: enche a alta Historia,  
Que as tres irmans te tem d'ouro tecido.

*Ferr.*



H. G.  
32276



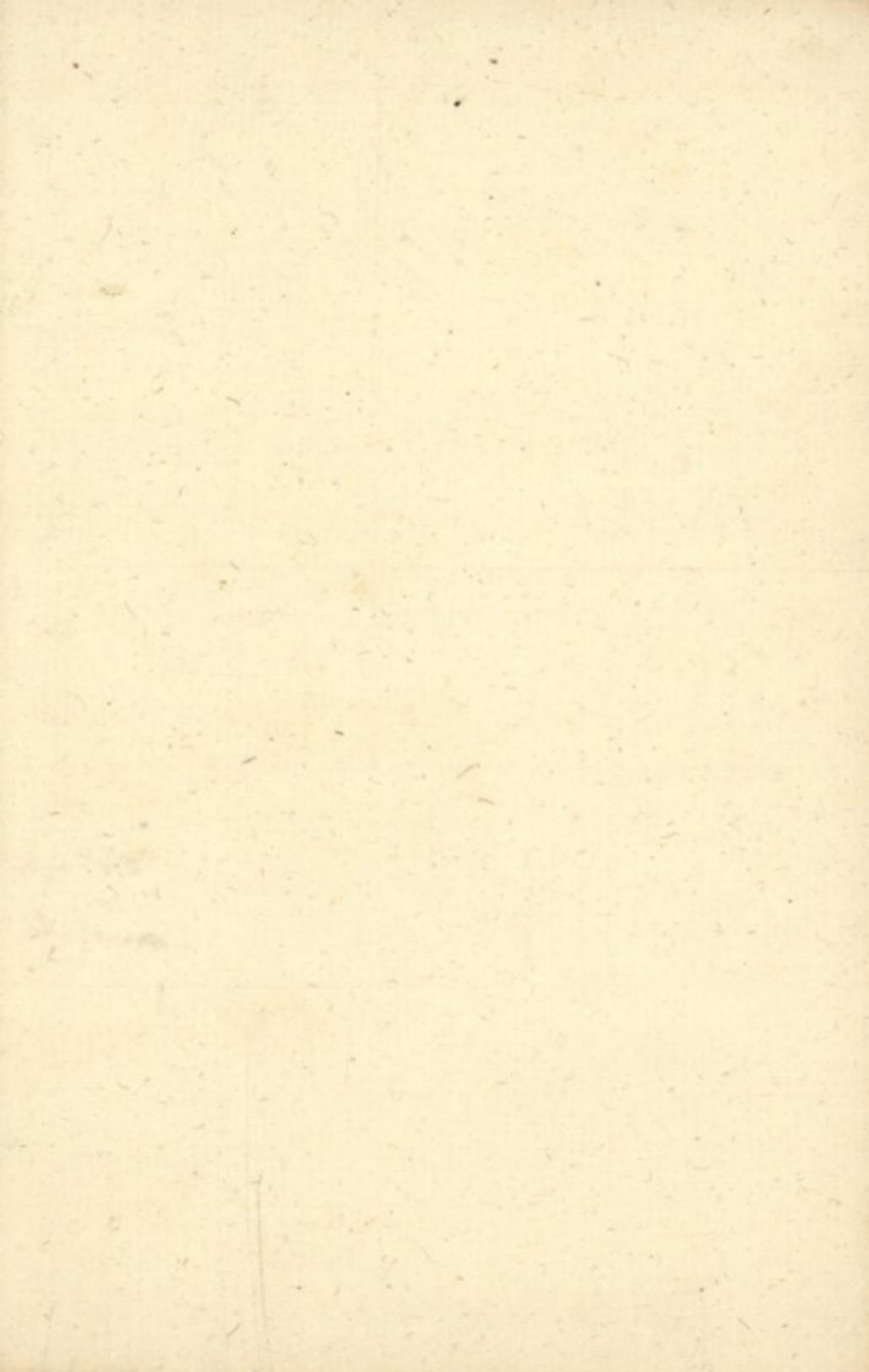
Para provello, e merece,  
 Para alegrar a Europa  
 Dos Irmãos, e de  
 Vem com respeito  
 No tanto dia  
 Dos vellos Annos  
 Graça offerecer.

Crede, e cumprir, o prometido,  
 Que te dos Ceos está: enche a tua Historia,  
 Que as tres Irmãs te tem d'ouro recido.

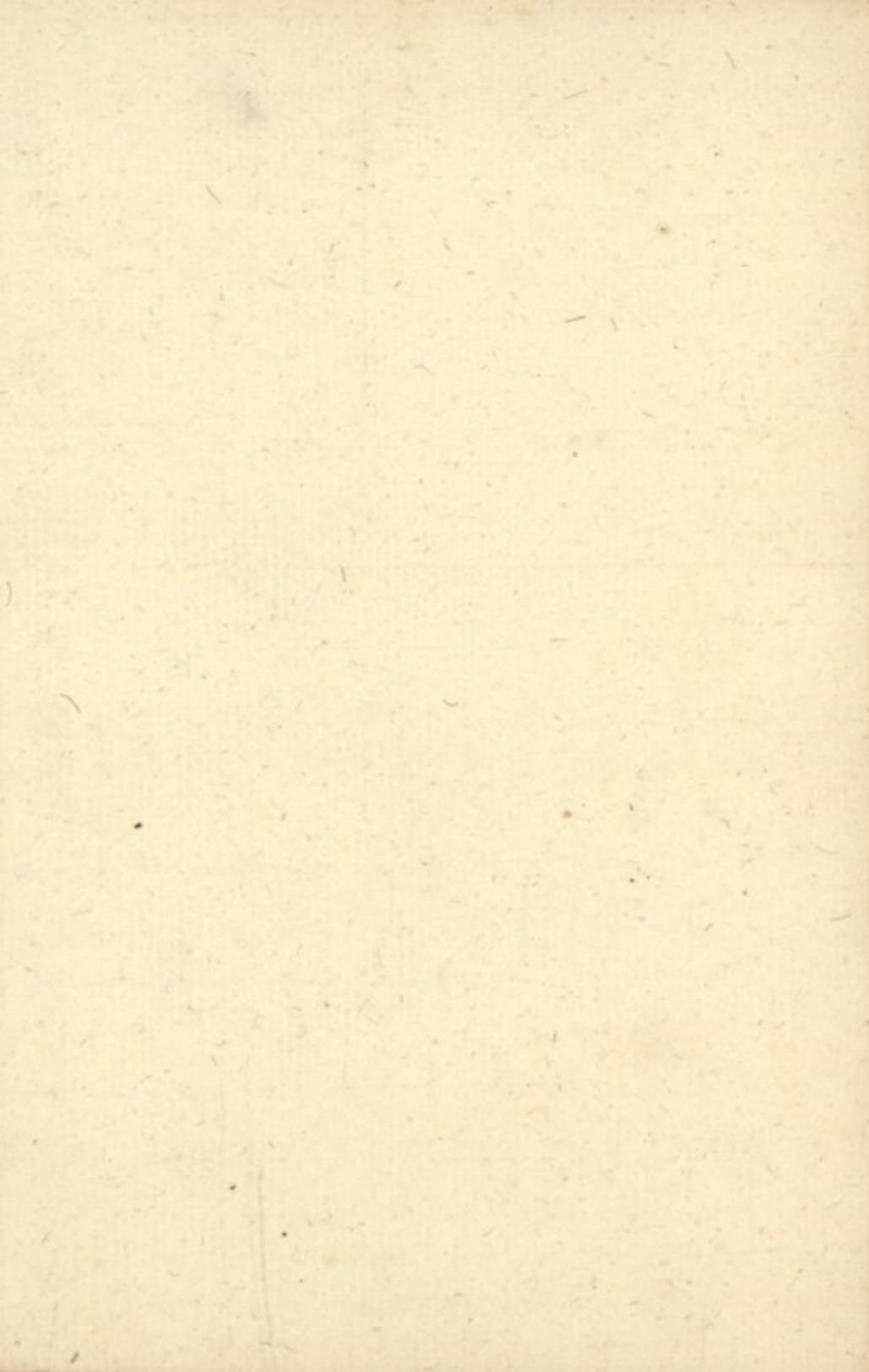


Wohneya  
 m. d. cl. v.

















NB



•EFG0000064030•

3